

## **Análise sobre padrões de relacionamentos amorosos no livro “Sex and The City”**

**Marcela Pastana**

**Ana Cláudia Bortolozzi Maia**

**Ari Fernando Maia**

Universidade Estadual Paulista - Campus de Bauru

**Resumo:** As pesquisas sobre sexualidade, especialmente a partir da crítica foucaultiana, têm denunciado que a repressão sexual se faz também pelos padrões que sugerem um modelo fixo de felicidade a ser seguido e que desmerecem o desenvolvimento autônomo do sujeito. Este estudo qualitativo-descritivo teve por objetivo realizar uma análise de conteúdo do livro *Sex and the City*, que narra relações sexuais e amorosas na cidade de Nova York. Essa análise evidenciou a reprodução de estereótipos sexuais vigentes, apresentados nas categorias temáticas: (1) Compreensão da mulher solteira como solitária e infeliz; (2) Compreensão da mulher solteira como independente e consumista; (3) Compreensão de que a mulher solteira é carente de um relacionamento heterossexual associado ao ideal romântico e feliz; (4) Compreensão dos relacionamentos amorosos como mercadorias: as pessoas como objetos de uso e troca. Os padrões sexuais e amorosos apresentados pelo livro demonstram a repressão reproduzida pela cultura de massas, acriticamente. A Psicologia tem sido uma importante área da ciência a denunciar o controle da sexualidade com base nesses perversos padrões ideológicos.

**Palavras-chave:** repressão sexual; relacionamentos amorosos; gênero.

## **Introdução**

A sexualidade diz respeito a um conjunto de valores e concepções sobre as questões relacionadas ao corpo, às funções do sexo, à construção de gêneros, à normatização de vínculos amorosos e aos padrões definidores de normalidade que configuram o erotismo humano (Maia, 2008).

*Sex and the city* é um livro escrito pela jornalista Candace Bushnell, publicado em 1997, pela editora Grand Central Publishing, o qual trata de narrativas que envolvem relações sexuais e amorosas na cidade de Nova York. O livro inspirou um seriado e um filme, tendo sido recebido pelo público e pela crítica como uma boa ilustração de como as mulheres vivem e se sentem com relação à sua sexualidade. Alguns dos temas presentes no livro são: a condição das mulheres independentes financeiramente e bem-sucedidas, as experiências e sentimentos dessas mulheres enquanto permanecem solteiras, a busca por um parceiro, as dificuldades envolvidas nessa busca e recomendações e conselhos para que se encontre o relacionamento ideal.

No contexto histórico da sexualidade, muitas modificações ocorreram quanto aos padrões masculinos e femininos e aos relacionamentos amorosos, a partir de evidentes transformações sociais e dos costumes sexuais que envolveram as sexualidades diversas e novas configurações amorosas e conjugais. Essas modificações ocorreram na medida em que houve a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento da escolaridade feminina, o uso da pílula anticoncepcional, que estimulou uma vida sexual livre e independente do casamento, e menor rigidez de dogmas religiosos que acarretaram condições de maior independência financeira e social. No entanto, ainda predominam ideias acríticas que reafirmam a expectativa de que homens e mulheres tenham comportamentos distintos, ora reafirmando velhos estereótipos, ora idealizando novas masculinidades e feminilidades (Gonçalves, 2007).

Para Rago (2007), a crise das identidades sexuais se revela pela contradição entre a desestabilização dos padrões sociais e sexuais tradicionais e a manutenção de padrões estereotipados. Por um lado, ampliaram-se as possibilidades de ocorrer vínculos sexuais e amorosos e os padrões de comportamentos sexuais se tornaram mais flexíveis, mas, por outro, não se erradicou o passado, coexistindo ou mesmo agravando-se formas de manter a dominação nas relações de poder, de violência, de intolerância e de desencontro, nas relações entre os sexos.

Mesmo com certas tradições sendo desestabilizadas, como se pode perceber pelo aumento da taxa de divórcios, pela criação de novas famílias, pelo adiamento do casamento e da vinda dos filhos, a sexualidade não conjugal se tornando mais comum e explícita, ainda é forte a organização da sociedade em termos da norma da conjugalidade, que presume que o casamento heterossexual é uma regra válida para todos. A família nuclear, baseada nos moldes do casamento, do amor romântico e da maternidade, funciona como lugar simbólico da normalidade. Tais noções são transmitidas desde muito cedo, quando as mulheres aprendem que serão avaliadas e julgadas pela realização ou não das expectativas sociais do casamento e da maternidade (Alves, 2005; Gonçalves, 2007; Katz, 1996).

As mulheres que permanecem solteiras colocam em evidência as referências culturais dominantes em torno dos padrões sociais e sexuais. Enquanto o par e o casamento são colocados como lugares privilegiados de saúde e felicidade, a solidão feminina tem sido recorrentemente representada como uma falta essencial, uma anomalia social e não

uma escolha, dentre outras possíveis, que pode ser vivida positivamente. A mulher solteira é percebida como solitária, infeliz, frustrada e insatisfeita, considerada tanto vítima quanto culpada de sua condição. A vida de solteira é posta enquanto um drama, um problema a ser solucionado (Gonçalves, 2007).

Curiosamente, numa aparente contradição, a mídia e a literatura vêm demonstrando uma crescente aceitação das mulheres solteiras, representando-as como independentes, liberadas e autossuficientes. Segundo Gonçalves (2007), quando o assunto é a vantagem feminina de se estar sozinha, tal situação é sempre apresentada como transitória, como podemos ver em reportagens que sugerem “como aproveitar enquanto o grande amor não chega”, ao lado do bombardeio de conselhos sobre como ser amada, como conseguir e manter um relacionamento, como ser feliz no amor. Enquanto ainda está solteira, a mulher é estimulada a preencher o “vazio temporário” com atividades incessantes, cursos, festas, compras, tratamentos de beleza.

O que vemos, então, é que o que mudou realmente foi o poder aquisitivo dessas mulheres, agora inseridas no mercado de trabalho, tornando-as público-alvo da publicidade que explora a solidão, oferecendo o consumo como um antídoto. Para esse público, a independência em relação aos homens é financeira, mas não parece ser emocional. O dinheiro não preenche a carência de afetos, atenção e relacionamento.

Chauí (1984) argumenta que a repressão sexual pode ser considerada um conjunto de interdições, permissões, normas, valores e regras estabelecidos para controlar o exercício da sexualidade. Para Maia (2006), há uma banalização da sexualidade, o que dá a ideia de uma aparente liberdade sexual, a qual não se realiza, uma vez que a sociedade mantém a repressão quando reproduz valores e explicita normas e regras sobre o que não fazer e o que fazer na vida sexual e afetiva, respondendo a uma ideologia dominante.

Marcuse (1968; 1998) salienta que a sociedade contemporânea é unidimensional, ou seja, uma sociedade na qual a cultura tende a se tornar parte do mundo dos negócios, oferecendo aos indivíduos mercadorias culturais padronizadas, que sufocam o protesto contra as irracionalidades sociais pela abundância da oferta, em relações sociais que se justificam pela eficiência técnica. Trata-se de uma sociedade administrada tecnicamente e a repressão sexual não é realizada somente pela família, mas também pela indústria cultural. Há uma abundância da oferta de produtos que, aparentemente, satisfazem os desejos dos indivíduos, mas que acabam por administrá-lo, pois, segundo esse autor, essa nova forma de repressão é chamada por ele como dessublimação repressiva. A forma de obter satisfação é padronizada, isto é, não permite a expressão individual do desejo, elemento este essencial à própria natureza desse desejo, segundo a Psicanálise.

A hipótese repressiva foucaultiana aponta a noção de que a reação típica da sociedade capitalista à sexualidade tem sido negá-la, discutindo que, ao invés de reprimir o erotismo, essa sociedade se manteve ocupada produzindo-o de diversos tipos e em grandes quantidades. A hipótese geral proposta por ele é de que a sociedade não se recusa a conhecer o sexo, muito pelo contrário, aciona todo um aparelho para produzir um discurso “verdadeiro” e regulamentado (Foucault, 1988; Katz, 1996).

A crítica de Foucault (1988), ao abordar os discursos da sexualidade, baseia-se na ideia de que, na nossa sociedade, há o “sexo que fala”, que, quando surpreendido e

interrogado, responde ininterruptamente; mas, por isso mesmo, é um “sexo controlado”. Segundo o autor, nunca houve uma sociedade em que se discutiu tanto, detalhou-se tanto e normatizou-se tanto o sexo como a nossa. Ao invés de ser percebida como uma relação de poder, a confissão foi naturalizada como se a verdade possuísse espontaneamente uma inclinação para revelar-se. O sexo transformado em discurso, não apenas narra, descreve, transmite, mas também produz sexualidade. A sexualidade é colocada como algo que se deve gerir, tornar útil, fazer funcionar. Mais do que alvo de julgamentos, o sexo passa a ser algo que precisa de constante administração e monitoramento.

A repressão às avessas pode culminar numa espécie de erotização do cotidiano e “carnavalização” da vida, levando a relacionamentos que se tornam racionais, frios, técnicos e mecanizados (Chauí, 1984; Rago, 2007). A figura da “nova mulher” moderna é alvo de “conselhos” e “sugestões” para exercer uma sexualidade mais feliz, o que, segundo Chauí (1984), mostra a imposição de modelos ideais e inalcançáveis por trás de tantas “recomendações”, e, por isso, revela-se como uma forma de administração racional de um corpo, que é entendido aqui como uma máquina, com funções passíveis de serem potencializadas por meios da “correta” manutenção.

Sem prejuízo das diferenças nas interpretações dos autores citados acima, as críticas parecem convergir, quanto à seguinte questão: a sociedade construiu meios pelos quais a repressão sexual se realiza não pela negação da possibilidade de obter prazeres, mas pela oferta abundante e contínua de objetos padronizados que visam alguma satisfação erótica. A sociedade tenta o tempo todo fabricar sentimentos, sob as mesmas leis que regulam a produção de mercadorias. Num mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva, as exigências instintuais são tratadas como tarefas; o prazer, a satisfação e o amor se tornam exigências, obrigações a serem cumpridas, e isso impede a produção de experiências realmente pessoais e espontâneas, no campo da sexualidade.

Alves (2005) aponta que a grande incumbência atribuída à mulher dos livros de autoajuda é a de ser responsável pelo sucesso ou insucesso da vida amorosa. A ela cabe selecionar, cuidadosamente, um parceiro, ter absoluto controle sobre seus comportamentos no decorrer da fase da conquista, gerenciar suas emoções, também, durante o casamento, ficar o tempo todo alerta quanto à avaliação moral que recai sobre suas condutas, se cuidar atentamente, seguindo continuamente o que dela esperam os homens, mas, acima de qualquer coisa, corrigir-se sempre, por considerar-se, de início, inadequada.

Somos levados a acreditar que o amor é a fonte de “glamourização de nossas vidas”; sem o amor, estamos amputados de nossa melhor parte. Quando o ideal imaginário do amor não é realizado, há uma busca para explicar a impossibilidade, através de uma autoculpabilização, e não pela contestação e reflexão crítica das regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas, interiorizadas na aprendizagem do que é o amor. Podemos, até mesmo, considerar o amor como a religião secular dos nossos tempos, tomado como fonte de salvação da pessoa, de cura para todos os males. De acordo com a ideologia vigente, nada substitui a felicidade do amor romântico correspondido, toda compensação emocional advém exclusivamente das relações amorosas, em par (Costa, 1998; Felipe, 2007; Guimarães, 2007).

Diante da literatura consultada, que explicita a repressão sexual nos discursos e da grande divulgação midiática da narrativa *Sex and the City*, que enfoca o feminino

moderno, este estudo teve como objetivo analisar, nessa obra, os padrões repressivos apresentados nos relacionamentos sexuais e amorosos.

### ***Método***

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo qualitativo, cujo objeto de análise é a narrativa *Sex and The City*, livro escrito pela jornalista Candace Bushnell e publicado em 1997, pela editora Grand Central Publishing, partindo da diretriz da repressão sexual. Como o livro analisado foi publicado originalmente na língua inglesa, os exemplos de trechos, apresentados nos resultados, serão “tradução direta” dos autores. O procedimento de análise foi o uso da técnica da análise de conteúdo (Bardin, 1979), muito empregada para subsidiar a interpretação de registros escritos, com a elaboração de categorias de análises temáticas (Spata, 2005; Triviños, 1987).

### ***Resultados e Discussão***

A análise do conteúdo pode evidenciar a reprodução de estereótipos sexuais vigentes, que serão apresentados em categorias temáticas:

#### ***Compreensão da mulher solteira como solitária e infeliz***

A mulher solteira é representada como incompleta, frustrada, insatisfeita e desesperada. O insucesso em obter um parceiro amoroso e sexual é evidenciado como algo desvantajoso socialmente, colocado como uma fatalidade, um grave problema a ser solucionado, levando essa mulher a investigar as causas e a se responsabilizar por corrigir essa “inadequação”.

As representações da busca frustrada por relacionamentos enquanto um drama desastroso e da figura da mulher solteira frustrada podem ser ilustradas em dois trechos – um em que a autora descreve as personagens centrais da narrativa e outro, pela fala de um dos personagens homens:

Um grupo de mulheres solteiras, em que todas parecem ter vivido uma série interminável de experiências aterrorizantes e enlouquecedoras com homens (e, algumas vezes, com o mesmo homem). Nós passamos horas discutindo sobre nossos relacionamentos malucos, e chegamos à conclusão que, se não pudéssemos rir deles, provavelmente ficaríamos loucas. (Bushnell, 1997, p. IX).

Eu penso que a questão das mulheres não casadas e mais velhas é consideravelmente o maior problema em Nova York. Traz tormento para tantas mulheres, e muitas delas estão em um processo de negação. (Bushnell, 1997, p. 28).

A mensagem ideológica central do livro é a culpabilização feminina pela condição solteira e infeliz, que não “obedece” aos padrões sexistas que lhe foram ensinados (Gonçalves, 2007; Katz, 1996, Maia, 2008).

#### ***Compreensão da mulher solteira como independente e consumista***

O estereótipo da mulher solteira enquanto bem-sucedida, independente e consumista é reproduzido quando a autora focaliza as mulheres por volta dos 30 anos, enfatizando que estas têm tanto poder e dinheiro quanto os homens – ou ao menos o suficiente para não precisar deles. Os estereótipos da mulher moderna associada ao consumo foram também descritos na pesquisa de Gonçalves (2007) e denotam as críticas de Marcuse (1968;1998) sobre a dessublimação repressiva.

O resultado é que Nova York criou uma categoria particular de mulheres solteiras: inteligentes, atraentes, bem-sucedidas e (. . .) que nunca se casam. Ela está entre o fim dos 30 ou o começo dos 40 e, se conhecimento empírico é bom para alguma coisa, ela provavelmente nunca se casará [...] São milhares, talvez dezenas de milhares de mulheres como essas na cidade. Todos nós conhecemos algumas delas, e todos acreditamos que são legais. Elas viajam, elas pagam impostos, elas gastam \$400 em um par de sandálias Manolo Blahnik. (Bushnell, 1997, p.25).

As afirmações contidas nos trechos “que nunca se casam”, “provavelmente nunca se casará”, ao lado dos atributos considerados “positivos” sobre as mulheres, mostram o contraste de que, mesmo com as transformações no papel social das mulheres, casar-se continua a ser uma forte expectativa, com o caráter de uma imposição. O casamento enquanto norma, mesmo em um contexto de sucesso e independência, pode ser notado também no trecho a seguir:

Mulheres em Nova York sabem. Elas sabem quando têm que se casar, e esse é o momento em que fazem isso. Talvez elas tenham dormido com caras demais ou elas saibam que nada vai realmente acontecer com a carreira delas, ou talvez elas realmente queiram crianças. Até esse ponto, elas adiam esse momento pelo tempo que podem. Então elas têm aquele momento, e se não aproveitarem (. . .) (Bushnell, 1997, p. 24).

A conclusão do trecho “e se não aproveitarem” é colocada em tom de ameaça, o que demonstra o vínculo existente entre a representação da solidão feminina e uma catástrofe, uma fatalidade.

### ***Compreensão de que a mulher solteira é carente de um relacionamento heterossexual ligado ao ideal romântico e feliz***

Os relacionamentos sexuais e amorosos são representados através de uma busca incessante por um parceiro heterossexual que corresponda aos padrões idealizados. São também constantes as técnicas, fórmulas e receitas para que a mulher possa gerir e administrar sua vida emocional, numa tentativa contínua de fabricar sentimentos que não são despertados espontaneamente. Amar – e ser feliz – torna-se imposição, uma obrigação e um imperativo a serem cumpridos na impessoal realidade em que se encontram as personagens o que, segundo Costa (1998), refere-se à construção social do amor romântico como universal, natural e sinônimo de felicidade.

Os relacionamentos e a família são tomados como objetivos por si próprios, como lugares privilegiados de felicidade, sorte e saúde, conforme argumenta Gonçalves (2007). É uma ideologia romantizada da vida a dois, como se toda a possibilidade de felicidade estivesse na posse de outro ou num *status* de um relacionamento. Veja-se o trecho a seguir:

Ela entrou no quarto de Jolie. Lá estava um tapete branco e fofo, com fotografias por toda a parte em porta-retratos de prata, algumas em ângulos profissionais com Jolie vestindo biquíni, seus longos cabelos loiros balançando sobre seus ombros. Carrie encarou aquelas fotografias por bastante tempo. Como seria estar no lugar de Jolie? Como isso aconteceu? Como você encontrou alguém que se apaixonou por você e te deu tudo isso? Ela tinha 34 anos e nunca havia chegado nem perto e existia uma grande chance de que nunca chegaria. E esse era o tipo de vida que ela cresceu acreditando que teria, simplesmente porque queria ter. (Bushnell, 1997, p.85).

O papel da educação familiar e social, na imposição dos padrões de gênero e de relacionamento, como comentam Gonçalves (2007) e Maia (2008), aparece também na narrativa: “(. . .) e esse era o tipo de vida que ela cresceu acreditando que teria”. Além disso, a condição de estar solteira é vista como inferior, como pode ser visto na fala de uma das personagens casadas: “Eu fiz todas essas coisas por anos. Todas essas bebedeiras e festas. E então, não, ficou chato. Você se direciona para coisas mais importantes.” (Bushnell, 1997, p.82).

As regras e receitas para o sucesso no amor, que tornam o relacionamento amoroso uma relação mecânica e industrial, aparecem em demasia na narrativa, o que vai ao encontro da crítica de Kipnis (2005) aos livros de autoajuda sobre o amor. Especialmente no capítulo sobre como encontrar um homem em Manhattan, muitas “instruções” podem ser lidas, recomendações de métodos e técnicas para se conseguir um parceiro. Ressalta-se que essas regras se apresentam em tom impositivo: “Você deve colocar seus pés no chão, você deve ser um pouco calculista, você deve estar por cima o tempo todo, você deve mostrar para eles como eles são” (Bushnell, 1997, p.145-196). Os preconceitos sobre como se relacionar com um homem impedem que exista, de fato, uma relação, o que predomina é uma obsessão por ocupar a posição dominante, que se sobrepõe ao contato humano que poderia existir num relacionamento.

O contraste entre essa busca incessante de um parceiro, por meio de métodos e técnicas, na tarefa de encontrar um relacionamento amoroso, e a frieza das relações encontradas está estampado no livro, quando o tema central do primeiro capítulo é justamente a ausência de amor, em Manhattan:

Ninguém tem amores para recordar, apenas casos que tentamos esquecer o mais rápido possível. Como foi que entramos nessa bagunça? (. . .) Quando foi a última vez que você ouviu alguém dizer “Eu te amo!” sem continuar com o inevitável: “como um amigo(a)”. Quando foi a última vez que você viu duas pessoas se olhando nos olhos sem pensar, aham, claro? Quando foi a última vez que você ouviu alguém declarar “Estou loucamente apaixonado, de verdade”, sem pensar, “apenas espere até segunda-feira de manhã?” (. . .) Há ainda muito sexo para se fazer em Manhattan, mas o tipo de sexo que resulta em amizade e negócios, não em romance. (Bushnell, 1997, p.2).

### ***Compreensão dos relacionamentos amorosos como mercadorias: as pessoas como objetos de uso e troca***

Permeados de uma concepção racionalizada e calculista de relacionamentos, os homens são representados na narrativa como um alvo, como um objeto de consumo em um mercado concorrido, cercados, como vimos, de instruções e métodos de como se

lidar com eles. O discurso técnico e funcional e uma visão de homens como intercambiáveis podem ser notados no seguinte trecho: "Acho que os homens podem ser realmente complicados, mas eu sempre sei que existe outro por aí se esse não funcionar" (Bushnell, 1997, p.111).

As representações da busca pelo parceiro, do momento da conquista e dos relacionamentos também surgem numa linguagem de troca de mercadorias, em que as mulheres, principalmente após os 30 anos, são vistas como excedente, e, os homens, como produtos escassos bastante disputados: "(. . .) havia esquadrões dessas mulheres procurando por homens e fingindo que não" (Bushnell, 1997, p.85). Desse modo, os homens parecem ser meios para alcançar *status* e sexo, sendo tratados como mercadorias, tal como, historicamente, os homens tratavam as mulheres. A vingança das mulheres, no entanto, as coloca no mesmo patamar; elas são derrotadas novamente, porque, ao dominar os homens, se tornam iguais a eles, no que eles têm de pior. Pode ser narcisicamente gratificante às leitoras se identificarem com mulheres tão poderosas, mas isso fecha as possibilidades de um relacionamento aberto e livre de preconceitos.

Do outro lado das idealizações, os homens com quem essas mulheres se relacionam ou pretendem se relacionar são mostrados como insuficientes, entediados, tolos. A relação com eles é mais posta como uma competição com outras mulheres por um objetivo, uma questão de orgulho próprio e autoafirmação do que como um interesse nos parceiros como pessoas, pelo valor subjetivo que poderia ter uma relação humana:

O problema na verdade são as outras mulheres." disse Camila (. . .) "E as outras mulheres sabem disso e elas não gostam de você, especialmente mulheres mais velhas. Elas pensam que você está invadindo o território delas." (. . .) "Mulheres são tão invejosas no geral. É nojento. (Bushnell, 1997, p.111).

São frequentes as demonstrações de hostilidade e indiferença, nas descrições dos relacionamentos com os parceiros. A forma como se relacionam com os homens pode ser exemplificada por este depoimento de um deles, em um capítulo sobre as mulheres solteiras:

Não, eu não lamento por ninguém que tem expectativas que não consegue alcançar. Eu lamento pelos perdedores que essas mulheres não olham. Não há nenhuma mulher em Nova York que nunca dispensou 10 maravilhosos e adoráveis caras só porque eles eram gordos ou porque não tinham poder suficiente ou não eram ricos o suficiente ou não eram indiferentes o suficiente. Mas esses caras realmente sexy que essas mulheres estão procurando estão interessados em meninas por volta dos 20 anos. (Bushnell, 1997, p. 29).

Ao ser interrogada sobre um homem com quem foi vista, uma personagem responde: "É apenas mais um homem que ou eu não quero ter ou eu não posso ter" (Bushnell, 1997, p. 188). Essa frase também reflete o contraste entre as expectativas que



as mulheres constroem dos homens, as idealizações que fazem dos relacionamentos e a frieza e hostilidade que demonstram quando o que esperam as frustra.

### **Considerações Finais**

Boa parte do sucesso de *Sex and The City*, tanto do livro quanto do seriado e do filme feitos a partir dele, é atribuído, pelo público e pela crítica, ao fato de que a autora descreve sem idealizações e visões românticas, de forma realista e bem-humorada, como as mulheres realmente vivem e se sentem com relação à sexualidade. As críticas mais comuns se referem à imagem promíscua e fútil transmitida sobre as mulheres, como se consumissem parceiros assim como escolhem sapatos, mas são poucas as discussões sobre as outras visões de relacionamento que o livro apresenta. Nunca chegam a vir à tona elementos como o caráter trágico do fracasso das relações, da mercantilização das pessoas e da ausência de diálogo e de contato.

Quando os leitores (em sua maior parte, leitoras) se identificam, vendo, nos capítulos, um relato fiel de experiências afetivas e sexuais, considerando realistas as descrições de preocupações, sonhos, tentativas e frustrações das mulheres dos dias de hoje, escapa-lhes dessa identificação o fato de que, além de mostrar visões e opiniões sobre sexualidade, as narrativas também reproduzem e produzem ideologias, distorções e representações, que, se refletidas criticamente, mostram *Sex and the City* como um livro permeado por regras, imposições e estereótipos, em contradição com a fachada de "liberdade" que promete (Chauí, 1984; Foucault, 1988).

Ao se apresentar como um desabafo franco, *Sex and the City* pode ser confundido com uma expressão de que as mulheres são livres para mostrar o que realmente são. Mas a repressão se dá justamente quando reproduzimos valores e cobramos normas e regras sobre o que fazer e o que não fazer, a partir de uma ideologia dominante que impõe esses valores. Não podemos esquecer que, mesmo que a sexualidade seja aceita, permitida e até mesmo incentivada e encorajada pela cultura de massas, isso também é uma forma de repressão, já que é feito através de modelos de comportamento e normatizações (Maia, 2006).

Além disso, o sexo colocado em discurso não apenas narra ou descreve, porém, também produz sexualidade, principalmente enquanto algo que deve ser gerido, administrado, controlado (Foucault, 1962). A tentativa incessante, presente no livro, de administrar experiências frustradas, fazer com que os relacionamentos "funcionem", numa busca por "produzir" sentimentos, revela essa visão técnica e fria das relações e dos sentimentos, o amar e ser amado enquanto dever e obrigação, tendo como consequência a reprodução de padrões repressivos. Desse modo, é importante apontar o quanto esses padrões são reproduzidos acriticamente, promovendo reflexões que possibilitem reconhecê-los, debatê-los e desconstruí-los, sendo a Psicologia uma importante área de conhecimento e atuação para exercer esse papel.

Pastana M., Maia, A. C. B., Maia, A. F. (2010). Analysis of love relationship patterns on the book “Sex and The City”. *Revista de Psicologia da UNESP* 9(2), 55-65.

**Abstract:** *The researches on sexuality, especially from Foucault’s critical analysis, have been denouncing that the sexual repression also happens through the patterns that suggest a fixed happiness model to be followed, not considering the autonomous development of the subject. The aim of this descriptive-qualitative study was to make a critical analysis of the content of the book Sex and The City, which presents narratives about sexual and love relationships in New York. This analysis evidenced the reproduction of outdated sexual concepts presented on the following thematic categories: (1) Comprehension of the single woman as lonely and unhappy; (2) Comprehension of the single woman as independent and consumerist; (3) Comprehension that the single woman needs a heterosexual relationship related to the happy romantic ideal; (4) Comprehension of the love relationships as commodities: people as objects of use and exchange. The sexual and love patterns presented by the book demonstrate the repression reproduced uncritically by the mass culture. The Psychology has been an important area of the science to denounce the control of the sexuality from these perverse and ideological patterns.*

**Keywords:** *sexual repression; love relationships; gender.*

## **Referências**

- Alves, V. L. P. (2005). *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bushnell, C. (1997). *Sex and the City*. New York: Grand Central Publishing Edition.
- Chauí, M. (1984). *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Felipe, J. (2007). Do amor (ou de como glamourizar a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In Ribeiro, P. R. C., Silva, M. R. Santos, N. G. S., Goellner, S., & Felipe, J. (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG.
- Foucault, M. (1988) *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, Paz e Terra.
- Gonçalves, E. (2007) *Vidas no Singular: noções sobre “mulheres só” no Brasil*

Marcela Pastana, Ana Cláudia Bortolozzi Maia & Ari Fernando Maia contemporâneo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

- Katz, J. N. (1996). *A invenção da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Kipnis, L. (2005). *Contra o amor, uma polêmica*. (R. Vinagre, trad.) Rio de Janeiro: Record (Título original: *Against Love: A Polemic*)
- Maia, A.C.B. A (2008). Educação Sexual repressiva: padrões definidores de normalidade. In Souza, C.B.G., & Ribeiro, P.R.M. (orgs.). *Sexualidade, Diversidade e Culturas Escolares: contribuições ibero-americanas para estudos de educação, gênero e valores*. (pp.67-83). Araraquara, FCLar-UNESP Lab. Editorial; Alcalá de Henares: UAL.
- Maia, A.C.B. (2006). *Sexualidade e Educação Sexual: Questões Sobre a Reflexão*. In Silva, A., Santos, B.R, & Silveira, C. M (org), *Infância e Adolescência em Perspectiva*, vol 1 (pp.9-16).São Vicente: Prefeitura.
- Marcuse, H. (1968). *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Marcuse, H. (1998). A Obsolescência da Psicanálise. In *Cultura e Sociedade. Vol 2*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Rago, M. (2001, março). Globalização e Imaginário Sexual (ou ‘Denise está chamando’). *Jornal da Unicamp* (p.4-7).
- Spata, A. (2005). *Métodos de Pesquisa – ciência do comportamento e diversidade humana*. (A. B. Pinheiro de Lemos, trad.). Rio de Janeiro: LTC.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.

Recebido: 30 de setembro de 2009.

Aprovado: 24 de outubro de 2010.